

DENISE ROTHENBURG (COM EDUARDA ESPOSITO)  
deniserothenburg.df@dabr.com.br

## Vale lembrar 1

Perguntado se o cargo de presidente do PL pode transformar Eduardo Bolsonaro no candidato do partido ao Planalto, em 2026, a resposta foi um animado “lógico!” “Não tenha dúvida disso. Ele é muito dedicado, percorreu o país ajudando os candidatos do partido, fora a atividade internacional que exerce”, afirmou Valdemar. A função de Eduardo será política. Valdemar é quem continuará com a parte administrativa, no posto de vice-presidente. É o PL abrindo mais espaço para o bolsonarismo-raiz.

## Vale lembrar 2

Foi Eduardo que, em outubro de 2018, antes do primeiro turno, afirmou com todas as letras: “Se quiser fechar o STF, sabe o que você faz? Não manda nem um jipe. Manda um soldado e um cabo”. Dias depois, pediu desculpas pelo Twitter. Mas, pelo visto, a guerra continua.

## A culpa é do Xandão

Valdemar atribui o fato de Jair Bolsonaro ter ficado distante da campanha de Ricardo Nunes (MDB), em São Paulo, por não poder falar com o ex-presidente. “É o pior é que não posso falar com Bolsonaro. Não posso falar com o maior dono dos votos do meu partido. E a candidatura do Ricardo é também dele (Bolsonaro), que indicou o vice”, disse Valdemar.

## Enquanto isso, no PT

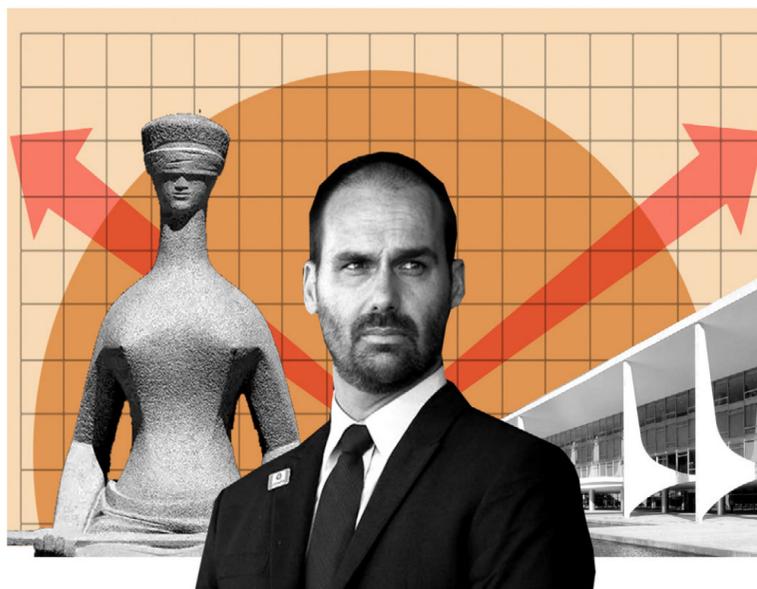
Muitos apostam que uma boa parte dos militantes do PT não se jogará de corpo e alma nas ruas de São Paulo, neste fim de semana, em prol da candidatura de Guilherme Boulos, do PSol. Alguns dizem que o deputado é o candidato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e não do partido.

## BH em suspense

Quem conhece “cheiro de eleição”, passou a apostar que o candidato do Republicanos a prefeito de Belo Horizonte, Mauro Tramonte, repetirá a sina de Celso Russomano em São Paulo. Lidera boa parte da corrida eleitoral, mas não chega.

## As duas missões de Eduardo Bolsonaro

O deputado Eduardo Bolsonaro (SP) assumirá a presidência do PL com duas missões: a primeira, é fazer o enfrentamento ao ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF). A segunda, é preparar uma candidatura ao Planalto. “Eu é que pensei nisso. Alexandre de Moraes não vai voltar atrás. Temos de ter alguém que possa combatê-lo. Eduardo, como deputado federal, tem imunidade”, contou o presidente do PL, Valdemar Costa Neto. “Eu não tenho imunidade. Ele me prendeu por causa de uma arma do meu filho. Se é um deputado, não pode fazer isso”, avaliou Valdemar.



## CURTIDAS

**Madrinhas/** A deputada Bia Kicis (PL-DF) praticamente se mudou para São Paulo por esses dias, em campanha pela candidatura a vereadora Zoe Martinez, sua ex-assessora na Câmara. Aliás, a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro também fez questão de dar uma força por lá.

**As voltas que o mundo dá/** Em política, os ódios não são eternos. O ex-presidente Fernando Collor participa de carreatas em Maceió para tentar eleger o sobrinho Fernando Lyra Collor, filho de Pedro Collor, que denunciou o escândalo que levou ao impeachment do ex-presidente, em 1992.

Reprodução / Instagram / @alexandreramagem22



**O jogo dos erros/** Aliados de Alexandre Ramagem (foto) consideram que, se não houver segundo turno na cidade do Rio de Janeiro, a culpa é do próprio candidato. Na campanha, ele focou seu discurso na segurança pública, um tema espinhoso no Rio, e só pensou em colar em Bolsonaro nesta reta final.

**Depois da eleição.../** É a pauta econômica que vai pedir passagem em Brasília. E essa guerra começa na semana que vem.

## » Entrevista | RODRIGO COBRA | DIRETOR-EXECUTIVO DO RENOVA BR

Apesar dos avanços tecnológicos, contato direto com o eleitorado ainda é o fator mais importante para a conquista do voto

## “Redes não substituem olho no olho”

» VINICIUS DORIA

**M**aior escola de formação de lideranças políticas do país, o Renova BR entrou em modo de alta ansiedade. Nada menos que 1.470 candidatos a prefeito, vice-prefeito e vereador em 680 cidades do país saíram das salas de aula do think tank sediado em São Paulo. O desempenho dos alunos nas urnas, amanhã, será acompanhado com lupa e em clima de torcida, em um comitê montado especialmente para isso. Na visão do diretor-executivo do Renova BR, Rodrigo Cobra, a eleição é uma espécie de prova final do curso de líderes. “A gente vai comemorar não só o aumento do número de candidaturas, como o de candidatos e eleitos”, disse Cobra. Leia a seguir os principais trechos da entrevista.

**Para uma escola formadora de lideranças políticas, eleição é uma espécie de prova de fim de ano. Como o senhor vê a presença dos alunos nesta reta final das eleições municipais?**

Realmente é um momento de teste. Agora é que os resultados vão aparecer, mas há outros resultados que estão aparentes. Chegamos a mais de 40% de candidatas mulheres, também ultrapassamos os 40% de candidatos negros, pardos e indígenas do Renova BR. Isso é um bom resultado e faz parte desse teste. É importante a gente ter não só mais mulheres, negros e indígenas como alunos, mas ter mais candidatos. Falando de amanhã, é um teste, mas, também, é uma comemoração. O Renova BR faz sete anos de existência no dia da eleição, e a gente espera comemorar não só

o aumento do número de candidaturas como o de eleitos.

**Quantas cidades contam com alunos do Renova?**

São 680, com 1.271 candidaturas a vereador, 139 a prefeito e 60 a vice-prefeito. E a gente espera manter os atuais eleitos. Temos 126 no nível municipal e esperamos que essas pessoas se reelejam, no mesmo percentual que foi nos outros anos, que é de eleger 15% (dos alunos).

**Uma característica do Renova BR é não estar vinculado a ideologias ou partidos políticos. A polarização ideológica, que chegou a interditar o diálogo democrático, arrefeceu ou o país ainda está cindido?**

Quando a gente fala das cidades menores, a questão ideológica diminui em importância. Nas médias, vemos mais influência da dicotomia entre os líderes nacionais — aqui falamos dos grupos ligados ao presidente Lula e ao ex-presidente Bolsonaro. Mas, quando a gente vai para as capitais, a questão ideológica se mantém. Essa proximidade das narrativas com as questões nacionais, com o ex e com o atual, fica bem evidente. Aqui em São Paulo é bem forte.

**Por falar em São Paulo, duas alunas do Renova estão na disputa — Tabata Amaral (PSB) e Marina Helena (Novo). Pelas pesquisas, não vão para o segundo turno. Mas a campanha deu muita visibilidade às duas, que enfrentam os três candidatos homens que lideram as pesquisas. Como o senhor vê esse desempenho?**

Marina e Tabata muito nos orgulham. A gente acompanha essas candidaturas sempre expondo, em relação às demais, uma qualidade evidente no que diz

Instagram pessoal



respeito às propostas. É muito positivo ver, principalmente nos debates de exposição nacional, nossas alunas e alunos brilhando com suas propostas. Logicamente, enfrentam as dificuldades inerentes de um pleito majoritário — não é fácil sustentar uma eleição no nível das capitais.

**Como o senhor vê o vale-tudo nas redes sociais? Os alunos do Renova estão preparados para essa guerra quase sem regras no ambiente digital?**

Estão preparados, para atacar dentro da lei, das resoluções do Tribunal Superior Eleitoral, dos TRES, e, principalmente, para se defender. Nossos alunos tiveram aulas sobre o que pode e o que não pode ser feito, e como fazer as denúncias à Justiça Eleitoral. Aprenderam como utilizar a inteligência artificial (IA) dentro

da lei, como utilizar os recursos das redes sociais impulsionando os conteúdos. Foram preparados para isso e, principalmente, para colocar o que aprenderam no Renova dentro das redes sociais.

**O que o seu time observou de novidade nesta eleição que não havia na anterior?**

O volume das campanhas de rua tem diminuído de maneira visível. Por incrível que pareça, há menos campanha de rua do que em 2020, quando tivemos a pandemia e todas as suas limitações, principalmente no Centro-Sul. Há menos material de campanha sendo distribuído, menos bandeiras sendo abanadas.

**E a importância da propaganda no rádio e na televisão? Diminuiu com o avanço das redes sociais?**

Continuamos entendendo

que essa publicidade é importante e pode mudar uma eleição. Jamais as redes sociais substituirão o olho no olho. Em municípios maiores, é uma ótima ferramenta de distribuição de conteúdo em massa. Nos menores, é mais complementar ao dia a dia da campanha.

**Os alunos do Renova são atuantes nas redes sociais, é uma característica da nova geração de políticos. A novela do X (ex-Twitter) é um exemplo do que acontece em um mundo sem regras claras, em que a Justiça acaba sendo chamada para preencher as lacunas da regulação. Como os alunos encaram esse tipo de debate?**

Uma parte dessa história é agir com ética e bom-senso. Mas existem crimes que não precisavam dessa regulamentação, são



**Marina (Helena) e Tabata (Amaral) nos orgulham. A gente acompanha essas candidaturas sempre expondo, em relação às demais, uma qualidade no que diz respeito às propostas. É positivo ver, nos debates de exposição nacional, nossas alunas e alunos brilhando com suas propostas”**

crimes na vida real. Se você ataca a honra de alguém em uma rede social é igual a atacar no mundo físico. Da mesma forma, não há cabimento que, em questões relacionadas a crianças e adolescentes, as redes deixem de seguir decisões judiciais importantes.

**Política é discussão, negociação e tolerância em favor de um bem maior para a sociedade. Seus alunos trabalham esses temas da essência política? Os eleitores conseguem perceber essa diferença?**

Sim. Comecei a fazer política distribuindo panfletos nas ruas. Se o panfleteiro distribuir santinhos sem vontade de participar daquela campanha, o candidato sairá derrotado. E os nossos alunos são o que melhor conversam com os eleitores na rua.